

A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E SUA SIGNIFICAÇÃO FUNDAMENTAL NAS *IDÉIAS I*

PHENOMENOLOGICAL REDUCTION
AND ITS FUNDAMENTAL SIGNIFICANCE AT THE *IDEAS I*

Jean Leison Simão*

RESUMO: O objetivo específico do presente trabalho é ponderar acerca da redução fenomenológica. Primeiramente, a partir da diferença essencial da “abstração” fenomenológica em relação a mera abstração das ciências de fato; e posteriormente com a ampliação do tirar-de-circuito primordial o mundo e as ciências referentes a ele. Com isso poderemos nos livrar daquela constante tentação de estabelecer uma *metabasis* errônea. Os elementos para a reconstrução da argumentação husserliana estão presentes na segunda seção das *Idéias I* (*A consideração fenomenológica fundamental*); especificamente, o resumo das considerações radicais presente parágrafo §51 do terceiro capítulo, e sua relação com as ponderações presentes no quarto capítulo (*As reduções fenomenológicas*).

PALAVRAS-CHAVE: Redução fenomenológica. Abstração. Tirar-de-circuito.

ABSTRACT: The specific objective of this study is to ponder the phenomenological reduction. First, the essential difference from the "abstraction" phenomenological for an abstraction of science fact; and later with the expansion of the primordial exclusion of the world and the sciences related to it. Thus, we can get rid of that constant temptation to establish a wrong *metabasis*. The elements for the reconstruction of the Husserlian arguments are present in the second section of *Ideas I* (*A phenomenological fundamental consideration*); Specifically, the summary of the radical considerations this paragraph § 51 of the third chapter, and its relationship with the weights present in the fourth chapter (*The phenomenological reduction*).

KEYWORDS: Phenomenological reduction. Abstraction. Exclusion.

Introdução

Na introdução das *Idéias I*¹ Husserl observa que, apesar dos esforços no último decênio, as objeções contra a fenomenologia foram nulas. Já sejam de filósofos ou psicólogos,

* Mestrando em Filosofia - UFSM Contato: jelesimao@gmail.com

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

dirigidas a fenomenologia ou a psicologia fenomenológica de maneira geral ou específica, direta ou indireta, as oposições pressupõem essencialmente a concepção de imanência como experiência interna. Assim, elas tampouco atinam o sentido peculiar da problemática fenomenológica. Por conseguinte, não se nota que a diferença entre fenomenologia e psicologia (e de modo geral, entre a fenomenologia e ciências empíricas) é uma diferença necessária, isto é, por fundamentos de princípio, e não contingente, isto é, com base na demarcação de seus domínios e de sua terminologia.

Mal-entendidos como estes não são inerentes exclusivamente aos círculos acadêmicos de filósofos e psicólogos que de certa forma estão alheios às investigações fenomenológicas, mas sobretudo dentro do próprio movimento fenomenológico. Se nesta época os próprios fenomenólogos se equivocavam em relação ao método e a apreensão de problemas autenticamente filosóficos, então o que se pode dizer para os pesquisadores em fenomenologia da atualidade? Se há um século atrás mesmo os seus discípulos não assimilaram a essência da fenomenologia, não seria plausível supor que, se mesmo entre os fenomenólogos que se reuniam em torno do mestre naquela época (já sejam estes filósofos ou psicólogos) não se compreendia o sentido peculiar da problemática fenomenológica frente a todas as outras ciências, então ainda na atualidade permaneça tal problemática incompreendida? A não compreensão do método fenomenológico husserliano implica, mesmo no presente, em sérias conseqüências. A principal delas é que tudo o que se crê conquistado como conhecimento efetivo nas pesquisas fenomenológicas não passaria de sonho e devaneio.

No presente artigo os elementos utilizados para a reconstrução da argumentação husserliana fazem parte da segunda seção das *Idéias I*, a primeira obra husserliana que veio a público com a meta específica de ser uma introdução sistemática à fenomenologia. Tal seção se intitula *A consideração fenomenológica fundamental*. Esta se subdivide em quatro capítulos, a saber: *capítulo 1: a tese da atitude natural e o tirar-de-circuito da mesma; capítulo 2: consciência e efetividade natural; capítulo 3: A região da consciência pura; e capítulo 4: As reduções fenomenológicas.*

¹ Neste artigo será utilizada a abreviação IDI para a obra: HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie – Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1980. *Ideas Relativas a una Fenomenología pura y una Filosofía Fenomenológica – Libro Primero: Introducción General a La Fenomenología Pura*. trad.: José Gaos, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1949. *Idéias para uma Fenomenologia pura e uma Filosofia fenomenológica – Livro Primeiro: Introdução geral a Fenomenologia*. trad.: Marcio Suzuki, São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

A nossa meta é distinguir a “abstração” fenomenológica das meras abstrações nos domínios especiais da ciência natural, bem como ampliar a redução fenomenológica através do ensaio de tirar-de-circuito aplicado a outras esferas transcendentais do ser. Portanto, nos concentraremos nas considerações radicais levadas a cabo nos três primeiros capítulos, necessárias para ponderar acerca da redução fenomenológica e nos livrar da constante tentação de estabelecer uma *metabasis* errônea.

1. A mera abstração [*bloÙe Abstraktion*] e a “abstração” [*Absehen*] fenomenológica

Com os desenvolvimentos obtidos no primeiro e no segundo capítulo da segunda seção das *Idéias I*, Husserl tem assim os elementos necessários para efetuar a redução fenomenológica no terceiro capítulo. No parágrafo §51 (*A significação das pré-considerações transcendentais*) Husserl apresenta uma série de necessidades para as considerações radicais levadas a cabo previamente no decurso dos três primeiros capítulos. Podemos resumir todas as necessidades em uma única, e assim temos posto em relevo um importante sentido deste fragmento textual, a saber: a necessidade de distinguir essencialmente “a ‘abstração’ [*Absehen*] de todo o mundo na forma de redução [ou *époχή*] fenomenológica” da “mera abstração [*bloÙe Abstraktion*] de componentes extensivos dos nexos [*Zusammenhäng*]”, já sejam esses necessários (fundamentados em axiomas da lógica formal) ou fáticos (com assentamento de existência).

Através da primeira “abstração” se obtém aquela que é a consideração fundamental da fenomenologia: a consciência transcendental pura. O segundo caso de abstração se diferencia especificamente do primeiro por ser uma “mera restrição do ser do juízo a uma parte concatenada [*ein zusammenhäng Stücke*] do ser efetivo total”².

Em todas as ciências especiais da efetividade [afirma Husserl] o interesse teórico se restringe a domínios especiais [*besondere Gebiete*] da omni-efetividade [*Allwirklichkeit*], permanecendo os demais fora de consideração, enquanto referências reais interligando um lado e outro não requeiram investigações mediadoras. Neste sentido a mecânica “abstrai”[*„abstrahiert”*] dos acontecimentos óticos, a física, em geral [*überhaupt*] e no mais amplo sentido, dos psicológicos. Por isso, como todo investigador da natureza sabe, nenhum domínio da efetividade se isola, o mundo inteiro é conclusivamente

² Cf. IDI §51, grifo nosso.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

uma única “natureza”, e todas as ciências naturais membros de uma única ciência natural³.

Como podemos notar, trata-se de uma comparação sob o ponto de vista da essencialidade, isto é, do conhecimento em generalidade e necessidade essencial, independente de qualquer assentamento de fatos. Considerando estes domínios especiais inseridos numa série-de-gradus de generalidade e especialidade, temos como sumo gênero a omni-efetividade. As singularidades *eidéticas*, as ínfimas diferenças específicas nesta série, corresponde às diferenças entre os domínios da efetividade. Enquanto predomina exclusivamente esta espécie de abstração, somos conduzidos a sempre novas teses transcendentais.

Sob o ponto de vista do domínio teológico, esta abstração nos conduz a uma teleologia natural, isto é, a uma “causa” [*Ursache*] emergente da relação de dependência entre realidades, uma relação “coisal-causal” [*dinglich-kausal*]. Tem-se assim um “extra-mundano” emergente em uma especificação de transcendência, a saber, a transcendência da realidade.

Considerando agora a primeira espécie de “abstração” [*Absehen*], a “abstração” do mundo por meio da redução fenomenológica, ou *ἐποχή* fenomenológica. Para Husserl, o domínio para o qual se dirige a *ἐποχή* fenomenológica, a saber, o domínio [*Domäne*] das vivências (como *essencialidades absolutas*) é de essência fundamentalmente diversa do domínio [*Gebiet*] da efetividade.

Ele [o domínio das vivências] é firmemente fechado em si e, no entanto, sem limites que o possam separar de outras regiões. Pois o que o delimitaria, ainda deveria partilhar com ele comunidade de essência. Ele é, porém, o todo do ser absoluto [*das All des absoluten Seins*]...Ele é em sua essência independente de todo ser mundano, natural, e também não precisa dele para sua existência [*Existenz*]. A existência da natureza não pode condicionar a existência da consciência, uma vez que ela mesma se mostra como correlato da consciência; ela somente é enquanto se constitui em nexos regrados de consciência⁴.

Trata-se aqui do conhecimento absoluto na forma de teoria da razão. Na reflexão fenomenológica, ao impedir em generalidade de principio a condução a sempre novas teses transcendentais nos dirigimos ao campo infinito e fundamental da fenomenologia. Em generalidade e necessidade essencial a realidade não é mais que uma espécie de

³ IDI §51.

⁴ IDI §51.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

transcendência. Por outro lado, a realidade é pois “a medida de todos os enunciados racionais sobre a transcendência”⁵. Isto não significa pois, que a transcendência da coisa determine por si novas formas de transcendência. Segundo Husserl:

Uma vez que um Deus mundano é evidentemente impossível, e uma vez que, por outro lado, a imanência de Deus na consciência [*Bewußtsein*] absoluta não pode ser apreendida no sentido do ser [*sein*] como vivência (o que não seria ao menos um contra-senso), então deve haver no fluxo da consciência e em suas infinitudes outros modos de anunciação [*Bekundung*] de transcendências, como é a constituição das realidades coisasais como unidades de aparições coerentes; e devem também ser exclusivamente anunciações intuitivas [*intuitive*], nas quais se amoldem os pensamentos teóricos, e, seguindo racionalmente, possa trazer a compreensão a atuação coerente do suposto princípio teológico⁶.

É justamente com base nessas anunciações intuitivas de transcendências e, tendo a realidade como medida de todos os enunciados racionais sobre a transcendência que as novas formas de transcendências são designadas.

2. O tirar-de-circuito primordial e as ponderações da *ἐποχή* fenomenológica

Não obstante, o domínio fenomenológico não se mostra de maneira tão imediata e óbvia, de modo unilateral com a aplicação de seu método, tal como os domínios da atitude empírico-natural. Para chegar a ele são necessárias reduções circunstanciadas e difíceis ponderações⁷. Cabe ainda realçar sumariamente os resultados da ampliação deste que é considerado o tirar-de-circuito primordial [*die ursprüngliche bloße Ausschaltung*], o qual inclui não só o mundo natural como também as ciências referentes a ele⁸.

No início do quarto capítulo (*Die phänomenologischen Reduktion*), Husserl afirma:

O tirar-de-circuito a natureza foi para nós o meio metódico de possibilitar em geral [*überhaupt*] a volta-do-olhar [*Blickwendung*] para a consciência transcendental pura. Agora que a temos sob o olhar intuitivo [*in den schauenden Blick*], é sempre útil ponderar na direção inversa: o que em geral, para os fins da investigação da consciência pura, deve permanecer posto-fora-

⁵ IDI § 47.

⁶ IDI § 51.

⁷ IDI § 61.

⁸ IDI § 60.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de-circuito, e se a necessidade do tirar-de-circuito diz respeito apenas à esfera da natureza⁹.

Estas poderações são necessárias, segundo Husserl, para nos livrarmos (nós os dogmáticos natos) daquela constante tentação de fazer uma *metabasis* errônea, sobretudo quando se trata da objetividade das disciplinas *eidéticas*¹⁰. “São tentações tão fortes [afirma Husserl] que ameaçam mesmo aquele que se livrou de mal-entendidos gerais [*von den allgemein Mißdeutungen*] em domínios singulares [*in einzelnen Gebiet*]”¹¹.

No contexto da doutrina da redução fenomenológica são necessários dois passos para obter a região da consciência pura. O primeiro passo, tem por finalidade “uma legitimação geral do *eidético*” frente a toda a tendência de psicologizar as essências e os estados-de-essência. O segundo passo é o tirar-de-circuito do *eidético*, e seu desígnio é o de separar sumariamente as essências *imanes* (das configurações próprias da consciência) e as essências *transcendentes* (de acontecimentos individuais, isto é, aparições sensíveis da consciência).

O ensaio de tirar-fora-de-circuito é dirigido a dois tipos de transcendências: as I) Realidades individuais [*individuelle Realitäten*] em sentido amplo (ciências de fatos [*Tatschewissenschaft*] referentes ao mundo, o eu puro e Deus); e II) a série de “objetos gerais” [*allgemeinen Gegenstände*] (as essências) que não podem ser encontradas “realmente” [*reell*] na consciência pura (incluindo a ontologias material e formal referentes as essências).

2.1. O ensaio de tirar-de-circuito e as realidades individuais

Sem mais, podemos resumir o resultado da tentativa de tirar-fora-de-circuito as realidades individuais do seguinte modo:

I.a) O mundo: estão excluídas não só o físico e o psicofísico (a essência animal), mas o homem (como essência natural), assim como todas as “objetividades individuais” [*individuellen Gegenständlichkeiten*] constituídas pelas suas funções da consciência prática e valorativa. Todas as espécies de “constructos culturais” [*Kulturgebilde*]: as artes técnicas e belas artes; toda forma de ciência enquanto *Fakta* da cultura e toda “configuração” [*Gestalt*]

⁹ IDI § 56.

¹⁰ Cf. IDI §61.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de valores estéticos e práticos são atingidas pela redução. Assim, também as efetividades de espécie: o Estado, os costumes, o direito, a religião, mas sobretudo, todas as ciências naturais e do espírito (como ciências da atitude natural) e suas provisões de conhecimento¹². Portanto, o que resta é a consciência constituinte como consciência absoluta, o constituído por ela é transcendente e posto entre parênteses.

I.b) O eu puro: dentre as realidades individuais é a única que não pode ser desconectada é a do eu puro. Para Husserl, em toda mudança efetiva ou possível das vivências (incluindo a particularização regional *cogito*), por princípio, o eu puro parece ser algo necessário. O eu puro, neste sentido, não é uma parte componente do momento “real” [*reell*] das vivências mesmas, mas sim algo *absolutamente* idêntico. Todo o raio de luz que (através do *cogito* atual) se dirige do olhar do eu para o objeto, muda a cada nova *cogitatio*, mas o eu puro permanece necessariamente idêntico. Segundo Husserl, temos com isso uma espécie-própria de transcendência que (frente à transcendência do mundo e da subjetividade) não é constituída, ou seja, é uma *transcendência na imanência*. Esta transcendência é dada imediatamente com a consciência reduzida, e muito embora não a encontramos constituída no fluxo das vivências, ela está constantemente ali como uma “Idéia fixa”¹³.

I.c) Deus: Na esfera da intuição empírica, após a redução do mundo natural ao absoluto da consciência, o correlato intencional constitui um mundo morfológicamente ordenado que se dá através de certos nexos fáticos entre as vivências de consciência. Enquanto este mundo se ordena morfológicamente, para ele pode haver ciências classificadoras e descritivas. No caso do pensamento teórico na ciência natural, por exemplo, este mundo é determinado em seu nível material como “‘aparição’ de uma natureza *física* que se encontra sobre leis naturais exatas”¹⁴. Ora, segundo Husserl, se “a *racionalidade* efetivada pelo *Faktum* não uma tal que é exigida pela essência”, então “nisso tudo radica uma admirável *Teleologia*”¹⁵. Com a revelação da facticidade da consciência constituinte, após a passagem à consciência pura através da redução, surge necessariamente uma pergunta acerca do fundamento desta facticidade correspondente a todas as teleologias encontráveis no mundo empírico mesmo. Ainda resta por fazer uma investigação sistemática dessas teleologias – por exemplo, “o desenvolvimento fático da série de organismos até o ser humano e, no

¹¹ IDI §61.

¹² Cf. IDI § 56.

¹³ Cf. IDI §57.

¹⁴ IDI § 58.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

desenvolvimento humano, o surgimento da cultura, com todos os seus tesouros espirituais, etc.”¹⁶ – “apesar de todos os esclarecimentos científicos-naturais propostos para todos esses constructos partindo de circunstancias fáticas e sujeitando-se a leis naturais”¹⁷. A necessidade pela pergunta sobre o fundamento não se deve ao *Faktum* em geral [*üb.*], isto é, como um *Faktum* emergente de “uma ‘causa’ coisal-causal” [*ein dinglich-kausalen Ursache*]. A obrigatoriedade se deve, pois, ao *Faktum* “como fonte de suas possibilidades de valor e efetividades de valor crescendo no infinito”. Diferentemente da transcendência do eu puro (que se dá em união imediata com a consciência reduzida) a transcendência de um ser “divino” extra-mundano só chega ao conhecimento de modo bastante mediado. Esta está, por um lado, no pólo oposto da transcendência mundo, mas também é transcendente em relação a consciência “absoluta”. Segundo Husserl:

Ele seria, portanto, um ‘absoluto’ num sentido totalmente outro como do absoluto da consciência, assim como, por outro lado, um transcendente num sentido totalmente outro frente ao transcendente no sentido de mundo.¹⁸

Não obstante, para o campo da consciência pura (ao qual se limita a fenomenologia pura) este “absoluto” e “transcendente”, conclui Husserl, devem permanecer fora de circuito.¹⁹

2.2. O ensaio de tirar-de-circuito e as essências transcendententes

Já no caso da transcendência das essências o ensaio de tirar-fora-de-circuito inclui a lógica formal das significações do pensamento e a quase-região “objeto em geral” [*Gegestand üb.*] a ela inerente, mas também cada esfera fechada do *ser individual* em sentido lógico. Este último intento de redução é aquele dirigido às essências das ontologias regionais (da natureza, da animalidade e do espírito), enquanto que o primeiro se dirige para as essências da ontologia formal e as disciplinas derivadas *mathesis* formal (álgebra, teoria dos números, etc.).

¹⁵ IDI §58.

¹⁶ IDI § 58.

¹⁷ IDI § 58.

¹⁸ IDI § 58.

¹⁹ Cf. IDI § 58.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

II.a) essência e ontologia formal: neste caso Husserl se vê em dificuldades ao desconectar irrestritamente o *eidético* em sentido amplo, extensivo a ciência *eidética* (a lógica formal) e a *noética* geral. Todo o investigador deve recorrer livremente não só a certas esferas *eidéticas* como pontos conhecimentos essenciais do seu domínio, mas também à lógica formal (ou ontologia formal), pois independente do que investiga “é sempre objetos que investiga”.²⁰ Segundo Husserl, “...aquilo que vale *formaliter* para objetos em geral (para propriedades, estados-de-coisa em geral, etc.), também é de seu domínio”²¹. Mas por outro lado, sob certos pressupostos há uma possibilidade de pôr entre parênteses a lógica formal e suas disciplinas. Isto é, caso se pressuponha que para investigação da consciência pura que a *tarefa da fenomenologia* é a de *análise descritiva* e se soluciona por meio da *intuição pura*. Neste caso “não se constroem sistemas de dedução” e “a teoria das formas dos sistemas dedutivos em geral” não pode operar como instrumento de investigação material tal como na matemática.²² Para a fenomenologia como disciplina puramente descritiva as únicas proposições lógicas que poderia utilizar são axiomas lógicos *válidos em geral e absolutamente*, como o princípio de contradição, que se torna evidente de modo exemplar em seus dados próprios.²³

II.b) essência e ontologia regional: No que concerne a esfera das ontologias regionais – isto é, as esferas *eidéticas* materiais – a única que não pode ser posta-fora-de-circuito é a esfera *eidética* da consciência fenomenologicamente purificada. Como vimos no primeiro capítulo a toda investigação empírica nas ciências de fatos não prescinde apenas em geral de uma *mathesis* formal que se refere igualmente a todas as ciências, mas em particular das disciplinas material-ontológicas que a tornam clara em pureza racional. Com isso, a ciência de fatos não prescinde do *a priori*, isto é, não abdica “de seu direito de fazer uso das veridades de essência que se refiram a objetividades [*Geg.*] individuais de seu *próprio* domínio”.²⁴ Ora, *se*, como Husserl disse na introdução das *Idéias I*, que sua intenção era a de fundar a fenomenologia mesma como ciência *eidética* da consciência transcendental pura; *então* esta consciência deve ser estuda “em suas particularizações singulares fato-cientificamente, mas não empírico-psicologicamente”.²⁵

²⁰ Cf. IDI § 59

²¹ IDI § 59.

²² Cf. IDI § 59.

²³ Cf. IDI § 59.

²⁴ IDI § 60.

²⁵ IDI § 60.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

As vivências singulares [*singuläre Erlebnissen*], os acontecimentos individuais do fluxo da consciência nos quais se distingue, em suas *objetividades individuais*, os objetos *imanentes e transcendententes* também possuem essências correspondentes. Na medida em que se referem às determinadas objetividades individuais tais essências são ditas transcendententes. A fenomenologia pura, não obstante, se quer se constituir numa “doutrina *eidética* puramente descritiva das configurações da consciência” não deve lançar mão de tais transcendentências, que antes são correspondentes a doutrinas de objetividades transcendententes.²⁶

Em sua imanência, portanto,[afirma Husserl] ela não tem nenhuma *assentamento do ser* [*Seinssetzungen*] de tais essências, não tem de fazer nenhum enunciado sobre a *validade* ou *invalidade* delas, ou sobre a possibilidade ideal das objetividades a elas correspondentes, nem estabelecer *leis de essência* a ela referentes.²⁷

Portanto, colocamos entre parênteses as ciências *eidéticas* que investigam aquilo que é inerente a objetividade da natureza física como tal: a geometria, a fononomia, a física “pura” da matéria, etc. Da mesma forma as ciências *eidéticas* que se referem às ciências empíricas da natureza animal e do espírito. Mas, neste caso apenas em idéia, uma vez que estas ciências *eidéticas* tampouco chegaram à fundação ou a uma fundação pura e irretocável.²⁸

2.3. O ensaio de tirar-de-circuito e o tirar-de-circuito primordial

Temos assim exposto brevemente os resultados de reduções circunstanciadas e suas duras ponderações. Não obstante, ao final do parágrafo §60, e no contexto do quarto e último capítulo (*As reduções fenomenológicas*) Husserl afirma:

Essas ampliações da redução fenomenológica não têm manifestadamente o significado [*Bedeutung*] fundamental do mero tirar-de-circuito primordial [*ursprüngliche*] o mundo natural e as ciências a ele referentes. Pois é através desta primeira redução que se torna primeiramente e em geral [*üb.*] possível a volta-do-olhar [*Blickwendung*] para o campo fenomenológico e a apreensão [*Erfassung*] de seus dados. As demais reduções, enquanto pressupondo a primeira, são secundárias, mas de forma alguma *escassas de significação*.²⁹

²⁶ Cf. IDI § 60.

²⁷ IDI § 60.

²⁸ Cf. IDI § 60.

²⁹ IDI §60.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

O que torna possível a ampliação da redução fenomenológica do ensaio de tirar-de-circuito as duas espécies de transcendências (realidades individuais e essências) é justamente a primeira ampliação do tirar-de-circuito. Aquela que se entende do mundo físico e psicofísico a toda essência natural, o que inclui o homem e todas as objetividades individuais constituídas pelas funções da consciência prática e valorativa. Enquanto efetuada a toda essência natural (o físico, o psicofísico como essência animal e o homem como espécie-própria desta essência) o tirar-de-circuito é designado como primordial.

Com isso todo o ensaio de tirar-de-circuito se funda nesta primeira volta-do-olhar para o campo fenomenológico. Como se fez notar a única transcendência que não pode ser desconectada é a transcendência do eu puro, uma transcendência que permanece absolutamente idêntica, não constituída, e que deve restar com a consciência reduzida para que seja possível a apreensão dos dados no campo fenomenológico.

Conclusão

Tal como elaborada nas *Idéias I*, a apresentação da redução fenomenológica repete o esquema apresentado nas aulas de Husserl em 1907 (lições publicadas mais tarde sob o título *A Idéia da Fenomenologia*), e parece não ter em conta, segundo Sán Martín³⁰, os resultados obtidos nas lições de 1910-11 (diponíveis ao público sob o título: *Os problemas fundamentais da fenomenologia*). Enquanto nas lições de 1907 a prática da redução se expõe sobre a constituição da coisa e do espaço enquanto estes são objetos de minha própria consciência, em 1910-11 Husserl alude ao problema da redução em relação ao objeto social, isto é, em relação à intersubjetividade. Sem dúvida alguma, a redução do objeto social a consciência se constitui em um problema que Husserl, segundo San Martín, pretenderia resolver nos tomos *II* e *III* das *Idéias*. O fato de Husserl estar ou não insatisfeito com o modelo de redução exposto nas *Idéias I*, o que poderia ter determinado a não publicação dos tomos subsequentes não nos interessa aqui. Interessa-nos sim o motivo de Husserl optar pelo primeiro esquema em despeito do segundo.

³⁰ Cf. 1987, pp.25-26.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Sem dúvida, a opção pelo primeiro esquema se deve ao fato de que é a única que nos dá o objeto em intuição doadora originária. Assim, na atitude teórica do conhecimento natural, a atitude teórica primordial, a percepção (interna e externa) é um ato doador originário, mas não a endoempatia, que por certo é um ato doador, mas não originário. Na endoempatia, as vivências dos outros apenas é observada como fundada nas suas exteriorizações corporais.

Assim, é através da percepção enquanto intuição doadora originária que se caracteriza o dado que fundamenta a descrição da tese geral da atitude natural. E é a partir da relação entre percepção externa (do mundo) e interna (de nós mesmos e nossos estados de consciência) que se designa a restrição da redução fenomenológica, o dado efetivo desta restrição e seu possível rendimento (a consciência pura).

Com a efetuação da redução fenomenológica temos desconectado o físico e o psicofísico. E é a partir deste tirar-de-circuito a natureza que a redução irá se ampliar pois ao homem, isto é, aos constructos culturais da consciência prática e valorativa. O real se amplia assim aos constructos intersubjetivos sociais. Este conceito de realidade torna possível a ampliação da redução à outras realidades individuais transcendentais (o eu puro e Deus). Mas, por outro lado, o ensaio de tirar-de-circuito se amplia ao conhecimento mesmo, isto é, a série de objetos transcendentais, considerado formalmente com a quase-região objeto em geral ou materialmente conforme o ser individual das regiões.

Referências

Obras de Husserl:

- HUSSERL, Edmund. *Logica, psicologia e fenomenologia. Gli Oggetti intenzionali e altri scritti*. Trad.: Stefano Besoli e Vittorio De Palma. Genova: Il melangolo, 1999.
- _____. *Meditaciones Cartesianas*. trad.: José Gaos. México: Fondo de cultura económica, 1996.
- _____. *Grundprobleme der Phänomenologie 1910/11*. Hamburg: Meiner, 1992.
- _____. *Philosophie als strenge Wissenschaft*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1965. *La Filosofia como Ciencia estricta*, trad.: Elsa Tabernig. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1992.
- _____. Fenomenologia. In: *Invitación a la fenomenologia*, trad. António Zirió. Barcelona: Paidós, 1992.
- _____. *Die Idee der Phänomenologie.: 5 Voerlesungen*. Hamburg: Meiner, 1986. *A Idéia da Fenomenologia*, trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. *Idées Directrices pour une Phénoménologie et une Philosophie phénoménologique pures – Livre second: Recherches phénoménologiques pour la constitution*, trad.: Éliane Escoubas. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

_____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie – Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1980. *Ideas Relativas a una Fenomenología pura y una Filosofía Fenomenológica – Libro Primero: Introducción General a La Fenomenología Pura*. trad.: José Gaos, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1949. *Idéias para uma Fenomenologia pura e uma Filosofia fenomenológica – Livro Primeiro: Introdução geral a Fenomenologia*. trad.: Marcio Suzuki, São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

_____. *Investigaciones Lógicas*. trad.: Manuel G Morente e José Gaos, Madri: Biblioteca de La Revista de Occidente, 1976.

Bibliografia secundária:

BELLO, A. A.; DE LUCA, A. (org.). *Le fonti fenomenologiche della psicologia*. Pisa: ETS, 2005.

BRENTANO, F. *Psychology from an empirical standpoint*. trad.: Antos C. Rancurello, D. B. Terrell e Linda L. McAlister. Londo/New York: Routledge, 1995.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Pensadores), São Paulo: ed. Abril cultural, 1973.

_____. *Meditações Metafísicas*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Pensadores), São Paulo: ed. Abril cultural, 1973.

HEIDEGGER, Martin. *Los problemas fundamentales de la fenomenologia*. trad.: José García Norro. Madrid: editorial trota, 2000.

_____. *History of the concept of time: prolegomena*. trad.: Theodore Kisiel. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trd.: Valério Rohden e Udo Bardur Moosburger. (Coleção Os Pensadores, V.1 e 2), São Paulo: ed. Abril cultural, 1987.

LEVINAS, Emmanuel. *La théorie de l'intuition dans la phenomenology de Husserl*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1984. *La teoría fenomenológica de la intuición*. trad.: Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.

_____. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Trad.: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

LYOTARD, J. F. *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, s.d.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *Ciências do Homem e Fenomenologia*. Trad.: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Racionalidade e Crise: Estudos de história da Filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.

MURAL, André. *A Metafísica do Fenômeno*. Rio de Janeiro: editora 34, 1998.

_____. *L'idée de La phénoménologie. L'exemplarisme husserlien*. Paris: PUF, 1958.

PATOCKA, Jan. *Qu'est-ce que La phénoménologie?* Grenoble: Jérôme Millon, 1988.

RAGGIUNTI, Renzo. *Introduzione a Husserl*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2000.

RICOEUR, Paul. *Caminos Del reconocimiento*. Trad.: Agustín Neira. Madri: Editorial Trotta, 2005.

_____. *O si-mesmo como um outro*. Trad.: Lucy Moreira Cesar, Campinas: Papyrus, 1991.

SAN MARTÍN, Javier. *La Fenomenología de Husserl como utopia de la razón*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1987.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

STROUD, Barry. *El escepticismo filosófico y su significación*. trad.: Leticia García Urriza. México: Fondo de cultura econômica, 1990.

SPIEGELBERG, H. *The phenomenological movement*. Haag: Martinus Nijhoff, 1971.

Tercer Coloquio Filosófico de Royaumont – HUSSERL – Buenos Aires: Paidós.

The Cambridge Companion to HUSSERL. Edited by Barry Smith and David W. Smith, Cambridge University Press, 1995.

Dicionários:

GÖTZ D., HAENSCH G., WELLMANN H. *Langenscheidt: Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin und München: GGP Media, 2003.

Husserl wörterbuch. In: <http://www.clafen.org/diccionariohusserl>

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 149-163
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------